

COLECÇÃO «SCIENCIA E RELIGIÃO»

---

C

---

JOSÉ AGOSTINHO

---

# O Rito Braçarense

---

Com aprovação e recommendação da Auctoridade ecclesiastica



LIVRARIA CRUZ — EDITORA  
121, RUA NOVA DE SOUZA, 133  
BRAGA

—  
1919

# Colecção "SCIENTIA E RELIGIÃO,"

Livraria Cruz — BRAGA

## VOLUMES PUBLICADOS

- 1 — *Sciência e Religião*, por F. Brunetière.
- 2 — *História social da Igreja*, por Ch. Billet.
- 3 — *Impossibilidade do socialismo*, por V. Cathrein.
- 4 — *A Filosofia moderna*, por E. Mahon de Monaghan.
- 5 — *Darwinismo, monismo, transformismo*, pelo Padre Hamard.
- 6 — *Moralidade da doutrina evolutiva*, por F. Brunetière.
- 7 — *A Noção cristã da democracia*, por F. Toniolo.
- 8 — *A Usura no tempo presente*, por E. Dehon.
- 9 — *Casamento e união livre*, por Jorge Fonsegrive.
- 10 — *A Ressurreição de Cristo perante a ciência*, por Duplessy.
- 11 — *Os direitos do homem* pelo P.<sup>o</sup> J. Bruguerette.
- 12 — *A Condição dos operários*, por Leão XIII.
- 13 — *Da dúvida á fé*, pelo P.<sup>o</sup> F. Tournèize.
- 14 — *Vida e matéria*, pelo P.<sup>o</sup> Th. Ortolan.
- 15 — *Princípios de sociologia Católica*, por A. Naudet.
- 16 — *A Arte e a Moral*, pelo P.<sup>o</sup> Sertillanges.
- 17 — *A Bíblia e as teorias científicas*, por B. Colomer.
- 18 — *A Inquisição*, por G. Romain.
- 19 — *O Espiritismo*, por A. Jeanniard du Dot.
- 20 — *O Problema da vida*, por C. Mano.
- 21 — *O Protestantismo*, por D. Prior Manuel d'Albuquerque.
- 22 — *O Católico perante a ciência*, por Georges Fonsegrive.
- 23 — *Estudos bíblicos*, por Lino Murillo.
- 24 — *As Razões de crer*, por F. Brunetière.
- 25 — *O Hipnotismo*, pelo Dr. Manoel Anaquim.
- 26 — *A Questão social*, por Biesá y Pueyo.
- 27 — *A Educação das mulheres*, por Mgr. Spalding.
- 28 — *Dialogos de hoje*, pelo prof. Bovier Lapièrre.
- 29 — *O Catholicismo em Portugal*, por Gomes dos Santos.
- 30 — *O Espírito e a Carne*, por Henri Lasserre.
- 31 — *A Mulher*, por João Antunes.
- 32 — *Páginas de crítica*, por Gomes dos Santos.
- 33 — *Questões sociais*, por Fernando de Sousa.
- 34 — *O Pentateuco*, pelo abbade Broglie.
- 35 — *A Verdadeira Igreja de Cristo*, por Dom Prior Manuel d'Albuquerque.
- 36 — *Princípios de economia política*, por Rubat du Mérac.

210

266  
84

# O Rito Braçarense

TYP. DA EMPR. LITTERARIA E TYPOGRAPHICA

⌘ ⌘ (Officinas movidas a electricidade) ⌘ ⌘

R. da Beavista, 321 ⌘ PORTO ⌘ MCMXIX

Biblioteca Lúcio  
Craveiro da Silva

Compra

315806

2011-07-07





COLLECÇÃO «SCIENCIA E RELIGIÃO»

---

XCIX

---

JOSÉ AGOSTINHO

---

# O Rito Braçarense

---

Com aprovação e recommendação da Auctoridade ecclesiastica



LIVRARIA CRUZ — EDITORA

121, RUA NOVA DE SOUZA, 133

BRAGA

1919





## INTRODUÇÃO

---

O Rito Bracarense e os dois illustres publicistas Dr. Abundio da Silva e Diniz Serrano — Rapido perfil d'um e outro. — O character da obra de cada um. — Confissão sincera de modestia de recursos.

Dois nomes de illustres publicistas andam ligados, com justa gloria, á propaganda do Rito Bracarense.

Um d'elles, já finado, foi um dos combatentes mais vigorosos e sinceros da causa catholica. Conheçemo-lo em Lisboa, no Hotel Universo, aonde nos chamara em carta affectuosa. Fôra o notavel publicista á capital no empenho de reorganizar o partido nacionalista.

Levava comsigo um talento radioso, muita erudição e muita vivacidade graphica, por vezes relampejada de bellezas puras de estylo.

Opulentava-o a fé ardente, e as provações successivas, os proprios padecimentos physicos, tinham-no retemperado tanto na resignação que, sendo um neurasthenico, dispunha de rasgos fortes, methodicos, tão poderosos, que se esqueciam as suas morbidas intermittencias.

Era alto, magro, de tez clara, rosada, mas frequentemente vincada de rugas extranhas e destingida por morbida affluencia do sangue ao coração.

Ossudo, asymetrico um pouco de membros, myope d'aquelles que, esforçando a vista, parece projectarem pedaços da alma, a sua voz nervosa traduzia uma vontade que muito desejava ser rigida, firme, inquebrantavel. Não o era tanto como elle queria, mas nem por isso deixou de realizar uma obra indiscutivelmente caracterizada por fé robustissima e por solida orientação philosophica.

Escarmentado por decepções constantes, suspendia-o no maior ardor de qualquer discurso uma tristeza desconfiada, ás vezes injusta e extranha.

Emfim, atormentado pelas tempestades politicas do seu tempo, deu aso a que o julgassem contradictorio e instavel de opiniões.

De tudo isso fizeram os seus inimigos e falsos amigos uma arma de dois gumes. E, de quanto ella o ferira, tivemos prova nitida na nossa primeira e inolvidavel conferencia.

Ao apresentar-nos ao chefe do antigo partido nacionalista, snr. conselheiro Jacintho Candido, a sua palavra mais gritava do que persuadia, impacientando-se até, quando lhe não colhiam o sentido inteiro. E multiplicava as explicações, as notas, as minucias, tão congestionado d'olhar e face como se o contradictassem com hostilidade irritante.

Mas, seja como fôr, fez o que pôde, e mais do que o supponível, porque era uma consciencia alta, extensa e intensamente illustrada, um coração nobre e um caracter correcto.

Attesta-o a sua obra, muito disciplinada e comtudo, ás vezes, vibrátil e ondulante.

Não sabemos se foi muito lido. Julgamos mesmo que não, porque o seu auctor resignou-se sempre facilmente com o auto-reclâmo ou com o elogio mutuo de tantos outros que o venceram em renome.

*A Historia atravez da Historia, O Capital-Salario, a Theoria da População, a Evolução dos Contractos, o Tratado do Direito Ecclesiastico, o Dever Presente, etc.* grangearam-lhe o melhor respeito dos eruditos e dos crentes.

Comprehenderam os leitores ha muito que nos temos referido ao Dr. Manuel Isaias Abundio da Silva, crivado de settas insolentes pela imprensa impia, o que demonstra a grandeza pura do valor do atacado.

Ora o dr. Abundio da Silva publicou em 1907 uma obra preciosa *O Rito Bracarense — apontamentos para a sua historia e apologia.*

E' um excellente repositorio para o assumpto que hoje versamos.

O outro notavel publicista, cujo nome ficará honrosamente ligado á defeza do venerando rito de Braga, é vivo, felizmente, ainda e em plena virilidade e acção mental.

Não tem uma obra extensa, mas no seu li-

vro *O Rito Bracarense* confirmou com brilho muito limpido os seus bellos credits de jornalista de raça. E não é que se propuzesse a fazer propriamente a historia do formoso rito, mas sim apenas porque quiz deixar a sua apologia em rajadas de viva e convicta polemica, incontestavel de sinceridade.

Tal livro, aliás, elucida-nos magistralmente sobre o conflicto extranho que o Rito Bracarense levantou, como se fôra motivo legitimo de discordancias poderosas a debaterem a boa orthodoxia.

E, fazendo-o, dá-nos de passagem o character elevado d'aquillo que defende.

Emfim, se á primeira vista póde parecer um tanto vincado pela nota pessoal, facilmente se vê que o apparente pessoalismo envolve uma dialectica, rigida e empolgante, das que não deixam com pé firme os contendores, mas tudo em puro beneficio da Causa.

Esse livro sahiu a lume em 1906.

Nós cremos piamente que serviu de brilhante estimulo a grande parte da obra do dr. Abundio da Silva.

Aquella fé, aquella tenacidade, aquella consciencia intrepida, são consoladoramente suggestivas, interessam, impellem, determinam.

Este segundo publicista usou o conhecido cryptónimo de Diniz Serrano.

Quem occulta elle? Um dos sacerdotes mais illustrados da Archidiocese de Braga, o snr. P.º

Manuel Telles, espirito tão alto e culto, que de bom grado o tomamos como conselheiro n'este rapido e modesto trabalho, genuinamente vulgarizador.

Os leitores, entretanto, haviam de desejar mais copiosas fontes para aclairação d'esta obrazinha, e qualquer plumitivo, dispondo quási só d'ellas, fingiria com facilidade relativa ter consultado chronicons desconformes, pergaminhos hieroglyphicos, centenas de documentos rasos de pó e atacados pela traça sacrilega.

Não o faremos nós, mesmo porque nunca em caso algum o fizemos, quando nos falleciam os elementos, e quando mais tinhamos de julgar pelos outros, muito poucos, do que por nós proprios, bem desejosos de pensar optimamente, embora depois de termos consultado muitos.

Com estes elementos, e com os que na generalidade do assumpto respigamos aqui e alli, vimos modestamente, sem escaldadas ambições, mas com amor, devoção e sinceridade, evitando empastar e monotonizar o empolgante assumpto, e pretendendo antes torná-lo suggestivo e accessivel a todos, o que, a nosso ver, representará uma propaganda bastante fecunda e digna de benevolencia.

---



## I

**O Rito Bracarense tradicional na Beira. — O Cónego Dr. Santos Monteiro. — Semelhança de entusiasmos e de argumentos — O dr. Abundio da Silva na « Palavra ». — Emergencia de Diniz Serrano. — Dissidencias na fórma de combate. — Serviços inolvidaveis dos dois combatentes. — A victoria do Rito Bracarense é uma gloria pura do actual Senhor Arcebispo Primaz. — Vencedores e vencidos.**

Ha longos annos, desde criancinhas, conhecemos de tradição o Rito Bracarense.

Conhecemo-lo como instituição de prestigio e belleza eminentes.

Fulgurava em Lamego, no saudoso e remoto anno de 1879, como Cónego e illustre orador sagrado, o dr. José dos Santos Monteiro, natural de Amarante e finado, pelo que julgamos, em Villa do Conde.

Este ecclesiastico, prebendado desde 1878, envolvera-se talvez demais na politica progressista, mas era de intimo piedoso.

Um tanto sombrio de aspecto, abria-se, porém, muito no convívio particular. De palavra facil e insinuante, não lhe desprazia conversar

mesmo com estudantes alegres, naturalmente frívolos.

D'estes fomos, procurando com fervor ouvir os que tinham fama de sabedores e talentosos.

E assim mais d'uma vez pudemos escutar, aos 12 annos, Santos Monteiro em fluente discurso sobre as bellezas do catholicismo.

A lição d'elle colhiamo-la facilmente parando á porta do estabelecimento de Antonio Cardoso Pinto Coutinho, progressista ardente, e onde se demoravam horas a cavaquear sacerdotes como o P.<sup>o</sup> Custodio Gomes da Costa e P.<sup>o</sup> João dos Remedios da Fonseca.

Nunca verificámos se o Padre Custodio tinha qualquer auctoridade em assumptos lithurgicos. Do que perfeitamente nos lembra é de que, encontrando-se elle com o dr. Santos Monteiro no estabelecimento de Antonio Coutinho, os dois adversarios politicos, que o eram irreductiveis, esqueciam-se de antagonismos e vinha a ponto o ritual com citações frequentes do *Genio do Christianismo*, de Chateaubriand.

O P.<sup>o</sup> Custodio, ferrenho fontista, mas pessoal amigo de Antonio Coutinho, dava a *deixa*, e Santos Monteiro divagava com nativa eloquencia, impulsivo, apaixonado.

Mais d'uma vez o ouvimos, da entrada da porta, ou escondidos em qualquer timida penumbra, e sempre o Rito Bracarense era invocado como suprema gloria e belleza da Egreja.

Santos Monteiro queria que elle fôsse o

bem-amado rito portuguez. Censurava por isso a indolencia de muitos nossos catholicos.

Já elle dizia, como tantos annos depois lêmos, que tão particular lithurgia hombreia honrosamente com a ambrosiana de Milão e com a gothica de Toledo, excedendo em singeleza e profundidade symbolica as privativas lithurgias orientais.

Santos Monteiro, emfim, não lhe regateava encomios férvidos pelo seu valor esthetico, radiante de verdadeiras maravilhas.

Como mais tarde Abundio da Silva e Diniz Serrano, frisava o prestigio dado pelo carinhoso e respeitoso reconhecimento de varios Pontifices.

E assim concluiu, na essencia, pela affirmacão de que o Rito de Braga é — na phrase do dr. Abundio — *uma lithurgia marianna, a mais fina joia lithurgica que o mundo christão engastou na corôa da Rainha dos Ceus.*

\*

Dobaram, porém, os annos, e dilatados. Em 1905, na *Palavra*, o dr. Abundio iniciou a campanha a favor do Rito e fê-lo n'um artigo combativo, embora rápido, que na substancia condizia nitidamente com o que expunha Santos Monteiro.

Lá affirmava o articulista o entranhado amor ao Rito Bracarense que, na sua opinião, resuscitaria, sem esforço maior, do estudo comparativo de todos os ritos da Igreja Catholica.

Simplicidade e magestade, a illustração do dogma pela representação sensível da cerimonia, o valor intensamente artistico, o prestigio da approvação dos Pontifices, a sua idade veneranda por ser coevo da primeira evangelização da Peninsula, são caracteres e predicados que o escriptor proclama bem alto.

É, tambem, como se tivesse ouvido a indignação de Santos Monteiro, o dr. Abundio da Silva censura o Clero e os fieis por não reintegrarem no seu predominio a formosa e piedosa instituição.

Como se vê, a causa interessava altos espiritos.

Em 1879, e na diocese de Lamego, apaixonava visivelmente um insigne orador sagrado e que tambem era professor distincto, com renome de eruditissimo.

Em 1905, inspirava ao dr. Abundio, sem duvida homem de valor, o primeiro d'uma serie de artigos que flagellavam bastante, sem respeitos humanos, o indolente espirito da rotina, a indifferença espiritual, tão vulgar no regimen concordatario.

Mas, entretanto, entrou na liça novo luctador, e com energico brilho.

Era Diniz Serrano, ou o snr. P.<sup>e</sup> Manuel Telles, como ha bem pouco o sabemos.

O pseudonymo significava o desprendimento de qualquer gloria litteraria, a sincera negação para colher pessoas glorias.

Mas o novo combatente achava inefficaz, ou antes incompleta, apesar de brilhante, a campanha de Abundio da Silva.

Porque os factos da hostilidade ao Rito eram muito mais graves do que o deixava transparecer o articulista da *Palavra*.

Não havia só estupenda indiferença pelo Rito de Braga: havia tambem feroz opposição. De quem? Diniz Serrano cita corajosamente os nomes, aponta factos, condensa ou amplia, afinal, o que viera dizendo em artigos na folha bracarense *A Opinião*.

Abundio da Silva, entretanto, no prefacio do seu livro, em 1907, frisa exaggeros na acção util de Diniz Serrano? E' verdade, mas nem por isso o livro do douto ecclesiastico deixou de ser um valoroso impulso para que o actual e insigne Senhor Arcebispo Primaz, D. Manuel Vieira de Mattos, tivesse hoje á sua roda valiosos collaboradores da rehabilitação integral do Rito Bracarense, ou seja uma das mais bellas corôas de gloria do Apostolo da Catechese, modelo de Prelados.

\*

Não vem a pêllo aqui discriminar com escrupulo valores de logica e bom-senso no fragor da lucta dos dois brilhantes publicistas.

Cada um no seu posto, Abundio da Silva e Diniz Serrano beneficiaram inolvidavelmente a Causa agora victoriosa.

E tambem nos não cumpre nomear aquelles que, voluntaria ou involuntariamente hostis, mereceram os reparos asperos e justiceiros de Diniz Serrano.

Que, aliás, absolve-os um tanto a hostilidade ao Rito Bracarense de muitos que foram, afinal, grandes e prestigiosos defensores seus, depois de o aprofundarem e, portanto, admirarem.

Entre esses marca nem mais nem menos do que o admiravel e modelar D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, intelligencia tão alta como varão de evangelica virtude.

Passêmos, pois, adiante dentro d'um rudimentar bom-senso.

Houve pugna ardente, forte, ás vezes rispida?

Diniz Serrano, em especial, não duvidou affrontar — e fê-lo com galhardia — o valor respeitavel do saudoso e glorioso Dr. Souza Gomes, e d'outros com esporas d'oiro nos torneios da imprensa?

Por seu lado, o dr. Abundio, mais retrahido, bateu em geral o inimigo do seu Rito bem-amado, embora mais definindo a formosa lithurgia em questão, do que flagellando individualmente os que a menosprezavam e guerreavam? Assim é. Mas o que nos importa é que a bella Causa venceu e, se ficaram impereciveis os seus defensores, nem porisso elles deixam de folgar com a recon sideração grata de quem os contraditava, ou não comprehendia.

Emfim, se alguns dos vencidos ainda hoje

puderem murmurar teimosas duvidas, não rirão d'ellas os vencedores, porque sobejamente conhecem o poder morbido e involuntario do habito, mesmo no mais livre e bem intencionado exercicio do raciocinio.

---

## II

**As origens do Rito Bracarense. — Uma lacuna do trabalho do dr. Abundio da Silva — Como tem melhor fundamento a origem romana. — Um rito admiravelmente combativo e hyperdulico. — Um rito com plenos direitos a ser tido como exclusivo em terras portuguezas.**

O dr. Abundio da Silva confessa não poder impor com irrespondiveis argumentos a origem certa do Rito Bracarense.

Ora, se elle assim conclue depois de tenaz e dilatado estudo sobre a especialidade, não poderemos nós pender com calor demasiado para a hypothese de que o Rito de Braga não veio do Oriente, como o mesmo escriptor insinua e até chega a dar com fóros de these. Mas, por identico motivo, não devemos quebrar muitas lanças pela opinião adversa.

Entretanto, justo e util é saber-se como o dr. Abundio estriba a sua convicção, tendo ainda parecenças no raciocinio ao dr. Santos Monteiro.

Diz o notavel escriptor que o facto de o rito mozarabe de Toledo ter procedencia nitidamente oriental não basta para que se attribua a mesma ao Rito Bracarense.

Tambem nos parece que não, e o contrario não ha de parecer muito logico ao leitor, mesmo pondo-se de parte, como fez o dr. Abundio, a questão de ter vindo ou não do Oriente o Rito toletano.

Entretanto, reflectindo-se medianamente, melhor fôra que o escriptor, arrostando com a pécha de maçudo erudito, nos deixasse algumas das opiniões profligantes sobre a origem oriental do Rito de Toledo. Adiante veremos que não seria para elle tarefa difficil.

Do juizo, perfeito ou imperfeito, que fizessesmos, derivaria decerto a sympathia pela opposição do dr. Abundio ao orientalismo do nosso bello Rito.

E isto assume depois uma certa gravidade porque, se o illustre publicista colhe das linhas e da simplicidade predominante n'aquelle Rito, um forte cunho latino, mais adiante concede como muito viavel a hypothese da origem oriental, embora para só se apegar ardentemente á defeza da conservação do Rito de Braga — conservação que a serio não pode ser contradictada.

Como se vê, o dr. Abundio recuou singularmente depois de avançar, e fê-lo tanto, pelo menos até ao fim do 2.º capitulo, que deu largas ensanchas á duvida sobre a debatida procedencia.

Falha-nos, pois, aqui bastante como expositor o seu benemerito livro. Como orientador, é tambem visivel a deficiencia, se a exposição devia carrear elementos de boa dialectica.

Voltamo-nos para Diniz Serrano e, embora o seu livro não tenha por fim estudar as origens do Rito Bracarense, colhemos a affirmação de que o Rito Bracarense foi fundado ao mesmo tempo que o romano ou pouco depois, mas dizendo isto sem a menor referencia a origem oriental, o que não esqueceria a tão alto espirito, se tal hypothese lhe sorrisse.

Deprehendemos assim que o Rito de Braga nasceu com o Romano ou pouco depois e, portanto, que não foi *importado* do Oriente porque, a sê-lo, mais verosimil era que derivasse de Roma, a quási egual distancia de nós e do Oriente.

E, se esta ultima origem parece logica, mais provavel se torna com a affirmação, apresentada pelo dr. Abundio, de não faltar quem assevere ser o nosso Rito o primitivo romano.

Indirectamente que seja, é para nós o maior argumento contra o orientalismo do Rito Bracarense, este argumento suggestionado pelo dr. Abundio que, a seguir, dando curso á hypothese de que a lithurgia minhota se subtrahiu ás graduacs modificações do Rito Romano, consegue sem duvida abalar deveras a supposta filiação oriental — o que, salvo o êrro, podia e devia já ter feito desassombradamente.

Mas, sem nos prendermos com o debil latinismo do Rito toletano — debilidade que fallaria alto sobre a heterogenea compleição da influencia mozarabe, ensinando-nos algo do que esperavamos, positivo e claro, franco, da erudição do dr.

Abundio sobre o orientalismo da lithurgia de Toledo — o que nos interessa é podermos affirmar bastante a superioridade do nosso Rito.

Na verdade, se não podemos dizer que esse Rito é exactamente o dos christãos das Catacumbas, achamos immensamente provavel que n'este se baseasse com adoravel fervor, como que sobrepondo-lhe uma nova lithurgia indicada pelas necessidades combativas da Egreja Peninsular.

E' esta a opinião — e muito judiciosa, quanto a nós — do dr. Abundio da Silva que, a proposito, nós apresenta a belligerancia heretica de Prisciliano e Ario, os herejes então mais seguidos nas Hespanhas.

Sim, e o distincto escriptor magistralmente o demonstra, analysando o ceremonial bracarense. N'elle encontra a solemne affirmação de consubstancialidade, o sensivel signal da adoração de Jesus, um completo e systematico combate contra o priscillianismo e o arianismo.

Quer dizer — ou antes di-lo emfim, com coragem, mais adiante o dr. Abundio — a lithurgia de Braga é a primitiva de Roma com o sublinhado intencional das cerimoniaes que traduzem um dogma de fé.

E o erudito escriptor conclue :

— Assim o Rito Bracarense foi o cantor entusiasta dos privilegios insignes de Maria; assim lhe constituiu o ritual grandioso, mas simples, da sua missa; assim se elevou até essa singularissima formosura, indescriptivel, arrebatada-

dora, convincente, das cerimónias de Sexta-feira da Paixão, incontestavelmente a mais bella festividade que se celebra em todo o orbe christão. Se outros titulos não tivesse, bastava o modo como organizou o seu culto de hyperdulia, e como traçou a commemoração da morte de Jesus, para assegurarem á lithurgia de Braga o direito á existencia, e o direito a ser amada e defendida por todos os catholicos, e muito especialmente pelos que têm a insigne felicidade de viver dentro d'ella e com ella.

Pensava exactamente assim o dr. José dos Santos Monteiro.

Pensam assim verdadeiras summidades da Igreja de Portugal.

Por pensar e sentir ardentemente assim, escreveu Diniz Serrano, como dissemos, um livro formoso e vigoroso.

E, se o preclaro Antistite de Braga consagrou esse pensamento e sentimento com o triumphal prestigio da sua vontade, dando uma incomparavel rehabilitação a tão magnifica lithurgia, está esta quiçá definida para sempre como candidata, cheia de plenos direitos, ao seu exclusivo imperio na igreja lusitana.

---

### III

**A lucta pelos ritos privilegiados. — Porque foi frouxa em Braga. — Causas geraes. — A Rotina e as suas contradições. — A deseducação civica. — A longa depressão da vida religiosa. — Vantagens d'um aborto. — O desarmamento de velhas hostilidades. — O que cumpre fazer.**

Historia o dr. Abundio as luctas vivas com que os fieis de Toledo e Milão defenderam sempre os seus ritos, e faz referencia á tenaz e persistente reluctancia do Clero e fieis de Braga perante a invasão do Rito Romano.

Não o acompanhamos com demora.

Maguadamente frisaremos apenas que na Roma Portugueza foi possível, embora com constantes protestos, não só o desuso, como o mais lamentavel desconhecimento, do Rito Bracarense.

E tão denso se tornou o olvido, que é hoje ainda necessidade urgente instruir o maior numero dos parochos da vastissima Archidiocese sobre o valor e grande significado de tão maravilhosa lithurgia.

Evidente se affigura a todos o dever da en-

thusiastica e incessante defeza de tão honrosos privilegios.

Mas, sendo assim, como é que essa defeza em Braga fraquejou tanto, que o Rito Romano baniu o seu competidor?

Explica-se com alguma verdade.

Temos primeiro as taras ethnographicas, e muito assignaladas no, aliás muito valoroso, povo do Minho.

Ha um contemplativismo curioso na nossa raça.

Esse contemplativismo nem sóbe e se fortifica tanto, que seja bom mysticismo, nem adoça tão efficazmente os arrancos proprios de impulsivos, que reforme e abonance os costumes.

Quanto a nós, é um delicado *pseudonymo* de indolencia, mas d'uma indolencia muito mais mental e moral do que physica.

Ora é dentro de indolencias assim que floresce e impunemente triumpho a automática rotina.

E porisso só na rotina, sem paixão maior das almas, teve vida o Rito Bracarense. Mas, por desventura, sendo tão fracos os alicerces, facil foi aos substituidores da linda lithurgia banirem-na como velharia ou como anomalia impertinente.

E' que os rotineiros de Portugal não desgostam de passar por activos e até por grandes revolucionarios, e n'esta preocupação doentia inclinam-se a esperar sempre como superior o que vem de fóra.

Dizia com razão o inglez Murphy *ser o por-*

*tuguez muito vaidoso das suas glorias e, ao mesmo tempo, singularmente convencido de que só no estrangeiro ha verdadeiras bellezas e grandezas.*

Esta verdade é um euphemismo que se espreme na seguinte substancia: *O portuguez não tem educação civica.*

Mas não tem elle a Religião?

E' verdade, e professando-a com apêgo.

Povo eminentemente catholico.

Povo que regressa á Fé com facilidade, por mais que o tenham desvairado.

Mas como?

Com excessos de *contemplativismo*, com uma tal negação para qualquer methodico esforço, que o regimen concordatario fez, d'estes ferrenhos catholicos, valores de duvidosa intensidade combativa. Ah! sé assim não fôsse, seria viavel que os fieis da Roma Portugueza se deixassem despojar da sua esplendida e tocante lithurgia, tão gloriosa e entranhadamente christã?

Seria sequer provavel que alguns sacerdotes, muito illustrados, e até muito virtuosos, não só consentissem no deploravel esbulho, como crivassem de desdenhosas ironias os ardentes campeões d'uma restauração honrosa? (\*)

---

(\*) — Um doutissimo ecclesiastico, verdadeira e incontestavel auctoridade na materia, discorda d'esta nossa opinião. E, embora ousêmos teimar na convicção de que só uma decadencia do espirito praticamente religioso podia recuar diante de varios e graves obstáculos, manda-nos a prohibidade reproduzir, na essencia, as serenas e ponderadas razões do illustre sacerdote. Affirma

Sem duvida, a deseducação civica dos bracaraenses acompanhou de perto a sua superficial vida religiosa, gafada pelo espirito concordatario, peorada por um formalismo decorativo que tem sido encarado com prudente benevolencia, muito suggestiva. . . até de frouxidão e inercia.

Bem sabemos, aliás, que taes defeitos são pecculiares de todo o povo portuguez: mas não magãm mais, se tão vivos e damninhos medram e predominam no seu grande centro religioso?

---

o notavel ecclesiastico: — Não fõram nem as taras ethnographicas, nem a superficial educação dos bracaraenses, nem a mania pelas coisas extrangeiras, as causas do abandono do Rito Bracaraense. A falta de breviarios portateis e missaes foi sem dúvida uma das causas principaes d'aquelle abandono. Havia poucos breviarios, e esses não menos ricos em patranhas que grandes em tomo.

Seria bastante esta razão de ordem physica para desalentar catholicos ardentes e verdadeiros?

Mas o mesmo illustre sacerdote accrescenta razão de muito mais peso, por ser de ordem liturgica. O Breviario do Rito Bracaraense fõra reformado, é certo, por um insigne Arcebispo, mas sem ter recebido, porque não foi devidamente solicitada, a approvação da Santa Sé.

Emfim, ainda segundo a mesma douta e veneranda opinião, mesmo agora, approvada pela Santa Sé a reforma do Rito Bracaraense, é natural a reluctancia de muitos integros, cultos e elevados catholicos, orientados pelo digno espirito de reacção contra o regalismo que em todos os tempos pretende dar um cunho nacional á Religião.

Não oppomos argumentos contrarios, tanto calam no animo coisas assim imparciaes, embora susceptiveis de reparos.

Limitar-nos-hemos apenas a fazer votos por que a Egreja em Portugal consiga restaurar, quanto possivel, o seu formoso Rito privativo sem por isso dar, de fõrma alguma, ensanchas a qualquer tentativa de novo regalismo. Será utopico esperar que tal restauração em nada possa servir o espirito de nacionalismo anti-catholico? Cremos que não, porque rigidamente catholico é o espirito dos nobres restauradores.

D'aqui se infere, pois, quanto valor, quanta virtude, quanta abnegação inspiraram os defensores do Rito Bracarense em época de pesado regimen concordatario, quando a politica, mais do que o sentimento christão, dispunha de curatos e outros pastoreamentos d'almas.

Tantas fôram essas qualidades, tão genuinas em ardor, violento ás vezes, que catholicos praticantes, ecclesiasticos de nota, scandalisaram-se e doêram-se com a nobre campanha. Emfim, o vulgo retrahiu-se como que scandalisado. E' que, se a rotina deveria mandar conservar as tradicionaes instituições, ella mais vezes manda em Portugal defender com paixão o que foi importado pelo capricho ou pela monomania de ostentar progresso no decalque servil do que vem de fóra.

Até por causa d'isso teve utilidade, involuntaria mas segura, o verdadeiro e deploravel aborto que é a Lei da Separação de 1911.

A perseguição, formal e inepta, impulsionou a catholicisação.

E, dentro d'ella, resplandeceram logo os grandes Apostolos.

Fortificava-os o martyrio.

Aguerria-os a visão clara do urgente dever.

A perseguição era torpe, mas a Concordata era perfida.

A primeira sacudia cruelmente o lethargo, tão grato ás indolencias ethnicas; a segunda amollecia as consciencias, paganisava-as em formalismos vistosos ou em utilitarias exhibições.

Que ia dar-se?

A resurreição do Catholicismo integral dentro do indolente formalismo, gerado pela prepotencia constante, embora cortez, do Estado.

Perseguidos, os grandes Apostolos tinham mais força, a de chamarem os fieis á pratica da Fé, embora esta fôsse um martyrio certo.

E os que attenderam o chamamento galvanizaram-se e despertaram.

E como, no que diz respeito a Braga, um grande Arcebispo, grande entre os maiores de todos os tempos, encarnava soberanamente, em virtudes combativas e piedosas, a Grande, a Immortal Perseguida, o espirito christão e catholico de Braga, ao resurgir, não podia deixar de pôr olhos commovidos na sua querida e gloriosa lithurgia.

Assim estavam solemnemente consagrados todos os altos defensores d'ella, quando os tempos e os costumes oppunham indolencias e sarcasmos, preconceitos e curiosos escrupulos, á sua grande e valorosa campanha.

Agora, sim, a Rotina illumina-se, porque se converte em Tradicionalismo augusto, em restauração profunda e consciante d'uma das glorias melhores d'um povo.

\*

Quem de boa fé pode ser agora contra o Rito de Braga?

O orthodoxo impolluto?

Acalma-o completamente a conhecida Bulla de Pio V *Quod a Nobis*.

O estheta melindroso?

A belleza artistica da lithurgia bracarense resplandece com uma esmagadora superioridade.

Os que ponderam difficuldades secundarias, como a velhice indócil de muitos curas, a pobreza do clero parochial para poder adquirir novos breviarios e missaes, etc.?

A tudo isso dá remedio completo a previdente capacidade legislativa do Senhor Arcebispo Primaz.

E, entretanto, como o nosso catholicismo cada vez mais progride, essas, como outras difficuldades, tendem a diminuir.

Quanto mais integraes e conscientes fôrem os catholicos bracarenses, melhor entenderão, melhor amarão, melhor defenderão, a sua bella e incomparavel lithurgia.

E tanto assim o pensamos, que podemos estabelecer como axioma o seguinte arrazoado: — O bom catholicismo de cada bracarense evidenciar-se-ha no subsidio consciente com que sustentar a reintegração do seu Rito.

Ora, sendo assim, se não podemos ser muito rispidos com os incultos, com os que perosamente se arrancam a um formalismo automatico, determinado apenas pelo habito, ficamos autorisados para julgar com justiça bastante os cultos, os mais grados, os que dispõem de recursos para as grandes obras catholicas.

Se alguns, só por egoismo, se retrahirem n'esta campanha, como, infelizmente, o fazem diante de imponentes e tocantes obras de caridade, não lhes poderemos talvez negar o nome de christãos, mas com certeza lhes não podemos nem devemos attribuir o de perfectos catholicos.

\*

E de passagem se diga que de taes catholicos se fórnam as guardas avançadas, não só dos apathicos como dos negativos.

E' que o catholicismo não impõe exteriorisações de simples verbalismo, mais ou menos sonóro, e em momentos mais ou menos propicios ao simples effeito decorativo.

Se tal definição é licita a um leigo, o espirito do catholicismo está todo condensado em tres virtudes que lhe servem de base e, ao mesmo tempo, de caminho: a fé, a esperança e a caridade.

As virtudes theologaes, quanto a nós, bem comprehendidas e vividas, encerram como que o programma da admiravel vida espiritual do catholicismo.

A' pura e sublime luz d'ellas, nem a caridade tem limites que a façam degenerar em mesquinho altruismo, nem qualquer acto póde, pelo menos d'um modo persistente, deprimir a pureza e a grandeza das doutrinas.

Porisso o catholicismo é tão incompativel

com o commodismo egoista como com o devocionismo *snob*.

O catholicismo pede orações e obras.

O catholicismo pede aos seus filhos, consciences, verdadeiramente dignos da Igreja, um amor sincero, efficaz, profundo, pelas admiraveis instituições que trouxe á terra depois do augusto prodigio da Redempção.

E, para nós, os portuguezes, o Rito Bracarense é naturalmente uma d'essas instituições.

Além de dever imperar na nobre Archidieceze Primaz, não seria bello e até justo ser adoptado em todo o paiz?

E assim concluimos que o verdadeiro catholico deve, segundo as suas forças mentaes e moraes, auxiliar tão bella, tão christã e tão patriotica propaganda, o que, aliás, é justificado em tudo pela approvação superior.

E assim concluimos que, se os brilhantes defensores do Rito de Braga cantam hoje victoria, attendidos em tudo por um Prelado eminente, não podem nem devem descansar sobre os loiros esplendidos.

A nosso ver, o combate está nos seus preludios.

O rito Bracarense deveria ser o de Portugal.

Proclame-se isto em toda a parte.

Consiga-se desde já o seu ensino nos Seminarios.

Propagandise-se por todos os meios com systematica e digna tenacidade.

O momento é azado.

Portugal desperta, ferido por multiplos flagellos.

Quer restaurar as tradições sagradas.

Quer integrar-se devéras na Civilização catholica.

Que melhor ensejo do que este para se tornar exclusiva em Portugal a linda, piedosa e veneranda lithurgia bracarense?

---

## IV

**Opposições renitentes.**—Um argumento de apparente força. — A falta de profundo estudo do Rito Bracarense. — O exemplo de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. — O Concilio de Trento. — A importancia das suas sessões. — O grande destaque do Arcebispo de Braga na Congregação de 11 de Março de 1562. — Como elle foi, depois de inimigo, grande amigo do Rito Bracarense. — Eloquentes exemplos.

Com bastante vivacidade relata o dr. Abundio da Silva as hostilidades que durante seculos immobilisaram a pratica do Rito.

Com não menos vigor, e ainda com menos respeitos humanos, faz a mesma obra Diniz Serano quanto aos nossos tempos.

Não nos tornariamos a referir a isso, por desistirmos de dar sequer a menor synthese d'essas hostilidades, se não nos constasse que pessoas de boa fé ainda hoje argumentam com o supposto damno á unidade catholica.

Este argumento impressiona os simples, o que não incommodaria muito, se não armasse bastante os teimosos e vangloriosos.

Os simples têm uma resposta cabal e logica no citado livro do dr. Abundio da Silva. O nota-

vel escriptor consagrou-lhe numerosos paragrafos e periodos.

Mais : enriqueceu-os com uma erudição sóbria, valorisada por excellente disciplina.

Mas, se é muito util e brilhante essa folgada parte do livro do dr. Abundio, nem porisso deixa de ser possivel condensar em breves palavras o seu significado dialectico.

Poderá resumir-se, afinal, em pouco — como que no aviso do lapso involuntario em que resvalam taes escrupulosos.

Será licito a algum bom catholico duvidar do zelo de qualquer Summo Pontifice pela boa unidade catholica?

Não.

E será licito a quem de tal não duvide pôr em suspeição a soberana infallibilidade do Santo Padre em taes questões?

Tambem cremos que não.

N'essa conformidade, o ingenuo reparo está desfeito.

Varios Pontifices apoiam e elogiam o Rito Bracarense.

Quererão simples catholicos julgar melhor do que aquelles?

Podem, pois, os escrupulosos socegar absolutamente as consciencias, e devem os teimosos, se ainda existem, render-se ao que, aliás, já triumphou de tantas opiniões antecipadas e tenazes.

Entretanto, como em tudo, o melhor meio de radicar criterios é exercer analyses serenas.

Quantos dos mal humorados oppositores ao Rito de Braga não teriam sido seus defensores ardentes, caso se lembrassem d'uma coisa tão simples como é estudar o que se critica?

Que, afinal, essa necessidade a todos se impõe, a muitos mesmo dos que o defendem apenas por sentimento.

Pelo que nos diz respeito, humildes leigos, confessamos andá-lo estudando ha tempos, e por signal maravilhando-nos tanto o seu symbolismo, que já nos é impossivel deixar de evocá-lo com saudade na Santa Missa que quotidianamente ouvimos.

Mas, todos os dias, que descoberta de ensinamentos admiraveis! Que intensidade apologetica e artistica! Que reconciliação sublime com a alma pura e heroica dos grandes antepassados!

Creiam que merece bem a pena estudá-lo. No seu estudo, á puridade o affirmamos, palpita de veras a convicção intima do seu empolgante occidentalismo latino.

Querem a franqueza inteira? Nós de bom grado lhe chamariamos não só Rito Portuguez como legitimamente hispanico.

Fé e arte, côr e espirito, luz e perfume, tudo n'elle é christão iberico, d'aquelles que parecé receberem, n'um relampago de Deus, o sôpro embalsamado que convertia as catacumbas em jardins d'almas.

Porque o não estudarão, pois, os escrupulosos

que têm principios, methodo e vontade para estudar qualquer coisa profundamente ?

E, afinal, nem o amor proprio se doerá muito.

Estudaram-no com demora ardentes inimigos seus que primavam pelo saber e pelos talentos.

Ensina-o proficientemente o dr. Abundio da Silva, para cuja obra remettemos sinceramente os mais irreductiveis.

E' digno de nota, por exemplo, o relevo que dá o auctor á singular teimosia do insigne e Santo Arcebispo que foi D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. E, comtudo, faz d'elle o elogio mais rasgado e justo.

Lembrando a sua acção primacial no Concilio de Trento, no qual lhe attribue o glorioso papel de *oraculo*, define bem a elevação mental e moral do admiravel Antistite.

Não descreve o dr. Abundio da Silva o que foi o Concilio Tridentino, como quem suppõe que a sua importancia de todos é facilmente conhecida.

Fá-lo-hemos, porém, nós, o mais concisamente possivel, para que, resultando colossal a figura do Arcebispo, se não envergonhem os poucos renitentes de terem errado, quanto ao Rito Bracarense, como errou o heroico journadeador das escarpas invias de Barroso.

\*

Progrediam no seculo XVI vertiginosamente

as heresias de Luthero, Zwinglio e Calvino. O amollecimento da disciplina ecclesiastica dava apprehensões pungentes.

O mal-estar catholico era tão complexo e grande, que o imperador Carlos V durante muito tempo reclamou de Roma um concilio.

Foi enfim o Pontifice Paulo III quem o convocou, mas para Mantua, pela Bulla de 23 de Maio de 1537. N'esse concilio o Santo Padré expoz o desejo de expungir as heresias e de consolidar a disciplina ecclesiastica, desejo que ao mesmo tempo notificava aos diversos Principes da Europa.

D'estes, os que eram protestantes, responderam declarando não acceitar a auctoridade da Santa Sé, e entre todos os theologos se destacou o protesto, descomposto e audaz, de Martinho Luthero.

Depois, surgiram difficuldades impertinentes. O duque de Mantua recusou-se a consentir que a sua cidade fôsse séde do concilio, o que levou o Papa a prorogá-lo até Novembro, embora sem designar onde se reuniria.

Tempos depois, o Pontifice tornou a prorogá-lo até Maio de 1538, designando a cidade de Vicencia, e nomeou então uma commissão de Cardeaes e Prelados para se elaborar uma reforma concernente aos interesses de toda a Egreja e aos da Egreja de Roma em particular.

E, não comparecendo um só Bispo em Vicencia, prorogou-o S. Santidade mais uma vez até á

Paschoa de 1539; mas só em 1542, depois de varias discussões com os Principes catholicos sobre a cidade escolhida para séde, que muitos queriam fôsse Colonia ou Ratisbonna, se concordou em que fôsse celebrado em Trento, iniciando-se no dia 15 de Março de 1543.

N'esta conformidade, o Santo Padre nomeou seus Legados os cardeaes Del Monte, Corvino e Polus.

Porém, como as discussões se renovaram ainda, embora sem o menor fructo para os caprichos dos Principes, sobre a séde do concilio, foi este aberto em Trento só a 13 de Dezembro de 1545.

A' primeira sessão compareceram os tres Legados do Papa, quatro Arcebispos e vinte e dois Bispos. Depois das preces costumadas e d'um discurso do Bispo de Bitonte, o Cardeal Del Monte leu a Bulla de convocação conciliar e expoz os motivos da reunião d'aquelle congresso: extirpação das heresias, restabelecimento da disciplina ecclesiastica e reforma dos costumes. Emfim, exhortou os sacerdotes a evitarem discussões acerbadas e a pensarem exclusivamente na gloria de Deus, e marcou a proxima sessão para 7 de Janeiro de 1546.

Mas, no tempo decorrido entre as duas sessões, effectuaram-se varias congregações. Na primeira, realizada no dia 18 do mesmo Dezembro de 1545, propoz Del Monte regulamentos das sessões, e fôram examinados os assumptos de outras Congregações e do proprio Concilio.

Na segunda Congregação, effectuada no dia seguinte, rogaram o Arcebispo de Aix e o Bispo de Agde, que se não debatesse nada de essencial sem a assistencia dos embaixadores de el-rei de França. Na terceira, a 29 do mesmo mez e anno, fôram concedidos votos deliberativos aos Abbades e Geraes de Ordens, e tres Prelados fôram incumbidos de verificar as procurações e de marcar os logares. Foi presente a maneira de opinar, indicada pelo Papa— por pluralidade de votos, como se fizera no Concilio de Latrão, e não por Nações, como nos concilios de Constancia e de Bâle.

E mais determinava o Pontifice: versar os assumptos sem o menor ataque pessoal; só tratar da reforma dos costumes depois de inequivocamente definidos os dogmas; emfim, caso houvesse discussão sobre o organismo da Santa Sé, ouvirem-se os Prelados em discordancia e, nada se resolvendo sobre ella, transmittirem as suas bases e motivos ao Papa, que lhes daria o remedio.

Na Congregação de 5 de Janeiro de 1546 debateu-se o modo de propor as questões, resolvendo, segundo a opinião do Pontifice, que os portadores de procurações não teriam voto deliberativo. Houve grandes duvidas sobre o titulo a dar ao Concilio. O Papa, no rescripto expedido aos Legados, usára a formula *O santo e sagrado Concilio de Trento ecumenico e geral, sob a presidencia dos Legados da Sé Apostolica.*

Não tinha sido bem recebida por muitos, que

entendiam dever frisar-se *representarem os Legados a Igreja universal*.

Chegou-se, emfim, ao accordo que para cada assumpto se instituiria uma congregação e que se nomeariam pessoas para elaborar os decretos ácerca dos quaes cada um emittiria a sua opinião nas Congregações geraes.

Chegou o dia 7 de Janeiro de 1546, e effectuou-se a segunda sessão, assistindo 3 Legados, o Cardeal de Trento, 4 Arcebispos, 28 Bispos, 3 Abbaes benedictinos, 4 geraes de Ordem e perto de 20 theólogos.

Lida a Bulla prohibitiva de voto aos procuradores de ausentes, e o decreto que exhortava os tridentinos a viver no temor de Deus, á oração constante, e ao cumprimento dos deveres religiosos, recommendaram aos monges uma vida irreprehensivel, o jejum e a vida frugal. Depois, foi a exhortação feita a todos que fôsem versados nas Escripturas para procurarem, por meio d'um recolhimento demorado e profundo, os melhores processos para ser util o Concilio.

Emfim, renovaram-se os estatutos do Concilio de Toledo no que diz respeito a prudencia com ditos e boatos, a evitarem-se teimosias de opinião, e ao esforço que todos deviam empregar no sentido de serem tão suaves e respeitosos no dizer, que ninguem fôsse molestado ou offendido.

E houve a seguir varias Congregações, debatendo o titulo dos decretos, marcando os tres principaes assumptos, examinando as questões

mais difficeis, lendo-se e examinando-se os rescriptos do Concilio aos Principes. Dividiram-se então os Bispos assistentes em 3 classes, e cabendo á morada de cada Legado receber a reunião de cada classe, antes de discutirem na Congregação geral, tudo no sentido de se evitarem controversias irritantes. Emfim, fôram escolhidos os constituintes d'essas classes, e lavraram o decreto que publicaria o Concilio de Constantinopla na sessão proxima.

A 4 de Fevereiro, celebrava-se a terceira sessão. Começou pela exhortação á fé no Senhor e pelo começo dos trabalhos com uma profissão de fé. Foi examinada a Escriptura Sagrada, discutindo-se muito sobre o texto original e sobre as versões, e especialmente sobre a Vulgata que o franciscano hespanhol André Vega declarou perfeitamente authentica. E, depois de varias congregões que discutiram a doutrina de Jesus-Christo e dos Apostolos que só se encontra nos livros dos Santos Padres, e de se examinarem os sentidos e as interpretações da Escriptura, effectuou-se a quarta sessão a 8 de Abril. N'esta foi proclamada verdadeira a doutrina de toda a Escriptura e das Tradições relativas á fé e aos costumes, expoz-se o catalogo dos Livros Santos segundo a Vulgata, sendo ferido de anathema quem as não recebesse como canonicas. Um decreto proclamou a authenticidade da Vulgata, ordenou a sua cuidadosissima impressão, e prohibiu nos usos profanos o em-

prêgo de palavras da Escriptura, visando assim os crendeiros e supersticiosos.

Depois da sessão, houve Congregação que debateu os seguintes assumptos: a excepção dos Regulares; a residencia dos Bispos, se é de direito divino ou de direito ecclesiastico; exame do dogma do peccado original, e que dividiram em 5 artigos, — natureza do peccado, sua transmissão aos descendentes, males que causou á humanidade, o seu remedio, e efficacia d'esse remedio; emfim, a Conceição da Virgem Santa, que foi assumpto da sessão seguinte, a 5.<sup>a</sup>

Foi esta a 17 de Junho, lendo-se primeiro o decreto da fé sobre o peccado original, e que declara não abranger a bemaventurada e immaculada Virgem Maria, Mãe de Deus, devendo observar-se o que sobre o assumpto determinam as constituições de Sixto IV.

Depois, examinaram-se as obras, dando-lhes 3 classes — as que precedem a fé e toda a graça, as realizadas depois de recebida a primeira graça, e aquellas em que se é justificado; versaram, sem decisão completa, a questão da residencia dos Bispos; modificaram alguns decretos sobre a Fé, etc. A esse concilio assistiram os tres embaixadores de el-rei de França Dufret, Lignières e Pedro Danez, discursando este com eloquencia sobre os privilegios da Egreja de França.

Na congregação a seguir foi examinada a materia de justificação, discutiu-se a doutrina de Lutero sobre o livre arbitrio, a predestinação, as

boas obras, etc., realizando-se a 6.<sup>a</sup> sessão a 13 de Janeiro de 1547.

E' memoravel para todo o sempre. O Concilio expõe a sublime doutrina da justificação. Depois trata, com elevadas vistas, da residencia dos Bispos e Beneficiados, da correcção de seculares e regulares, da visita dos capitulos pelos Ordinarios, etc.

Depois da Congregação, que examinou a necessidade e excellencia dos Sacramentos, o character que imprimem, quem os deve ministrar, etc. effectuou-se a 7.<sup>a</sup> sessão, a 3 de Março. Foram lidos os 30 canones, com anathema, sobre os Sacramentos, o decreto de reforma, etc. A Congregação a seguir versou o Sacramento da Eucharistia.

A 8.<sup>a</sup> sessão foi a 11 de Março, transferindo o Concilio para Bolonha, por grassar a peste em Trento, e a 9.<sup>a</sup> foi em Bolonha, a 21 de Abril, mas sendo addiada para 2 de Junho por falta de congressistas, falta que ainda se deu na 10.<sup>a</sup> sessão, que foi prorogada para 15 de Setembro.

Houve então discordancias com o imperador por causa da séde do Concilio e, entretanto, morria Paulo III em 1549, succedendo-lhe o Cardeal Del Monte com o nome de Julio III, que, por meio da Bulla de 15 de Março de 1551, restabeleceu em Trento a séde do Concilio. E desde a sessão 11.<sup>a</sup> (1 de Maio de 1551) até á 25.<sup>a</sup> e ultima (3 de Dezembro de 1563), decidiu-se sobre o Sacramento da Eucharistia, sobre a Jurisdicção episcopal, sobre a Penitencia e a Extrema-Unção,

sobre a Contricção, sobre a Confissão, sobre o Sacrifício da Missa e o Sacramento da Ordem, etc.

\*

Apropositadamente m̃nudenciámos um tanto a grandiosa importancia do Concilio de Trento, organizado tão admiravelmente e constituido por tão eminentes theologos, para emergir bem a gigantesca estatura mental e moral de D. Fr. Bartholomeu d̃os Martyres.

Na Congregação de 11 de Março de 1562 falou elle sobre a reforma de regras e costumes, e fê-lo com tanto brilho, que escreve em 1773 um erudito ecclesiastico de França: — *Dominou toda a Congregação com o admiravel vigor episcopal e evangelico da sua palavra, que tanto illuminou as questões mais árduas.*

Por varias vezes a sua genial intelligencia, servida por uma dicção sóbria, forte, luminosa, empolgante, o impoz ao Concilio como um Apostolo de desmedida grandeza.

E note-se que a sua dialectica era tão cerrada como prompta e profunda a sua penetração. Além d'isso, grandemento erudito, estudioso por indole e paixão, não era hospede em nenhum conhecimento humano.

Pois bem, o grande Arcebispo, tão notavel em tão luzido e immortal Concilio, que d'elle chegou a ser *oraculo*, na phrase feliz do dr.

Abundio da Silva, foi a principio inimigo do Rito Bracarense!

E como?

Votando abertamente pelo Rito Romano, apesar da Bulla *Quod a Nobis* e apesar da firme opinião do Cabido bracarense.

Mas, ouvido emfim melhor o seu Clero, estudou com vagar a lithurgia de Braga e não hesitou depois em mantê-la, embora reformando-a como fôsse mister. E' o que se manifesta no seu livro *Manuale secundum Ordinem Alme Bracarensis Ecclesiae*, publicado em 1562. (\*)

(\*) O já referido e illustre ecclesiastico diz-nos, a proposito do *Manuale* de D. Fr. Bartholomeu dos Mátyres: — Parecia-me conveniente reproduzir as disposições das Constituições, assim como as do *Manuale* de D. Fr. Bartholomeu dos Mátyres, relativas ao Rito. Por ellas se veria a harmonia entre a legislação feita, ha pouco, no Synodo, com a legislação antiga, que apenas é renovada.

Sentimos não dispôr de espaço para tanto, mas muito é ficar auctorisadamente affirmada aquella harmonia legislativa.

E segue outra interessante nota do mesmo doutissimo theologo:

— Viria a proposito indicar os pontos em que ultimamente a lithurgia romana se approximou da bracarense. Recordo-me dos seguintes: — 1.º A recitação das preces no fim das missas privadas, prescriptas por Leão XIII. — No Rito Bracarense de ha muito se recitava uma Ave Maria no principio da Missa e uma antiphona de Nossa Senhora no fim, a qual é na maior parte do tempo a Salvé Rainha; 2.º A ordenação do officio divino no dia dos feis defunctos. No Rito Romano, antes da reforma feita por Pio X, havia n'aquelle dia 2 officios — o da Oitava de Todos os Santos e o de Defunctos—emquanto que na lithurgia bracarense só havia o officio de Defunctos, exactamente como determinou ultimamente Pio X para o Rito Romano. 3.º O rito das Oitavas de 2.ª classe. Na lithurgia bracarense o dia da Oitava é de rito semi-duplex, emquanto na lithurgia romana era, antes

E, se o grande Arcebispo deixou a obra da revisão aos seus successores, nem por isso deixa de avultar a sua nobre reconsideração, tão formal e exemplar, que os teimosos, aos quaes nos vimos referindo, n'elia têm o bastante para lhes honrar a quebra do implacavel amor-proprio.

Mas vamos ver mais exemplos identicos; e não se dirá que só D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, tão digno de ser beatificado, teve a força moral bastante para se desdizer sobre a legitimidade e belleza do formosissimo e venerando Rito.

Continuaremos, e seguindo ainda n'este ponto o que nos ensina o benemerito livro do dr. Abundio da Silva.

Entretanto, seja-nos licito, para amenisar e tambem corroborar o modesto relato, fazer justa

---

da reforma de que acima se falou, de rito duplex. Assim é que, por exemplo, nos dias 2, 3 e 4 de Janeiro, nos quaes se celebram respectivamente as Oitavas de Santo Estevão, S. João Evangelista e dos Santos Innocentes, se podiam dizer missas privadas de *Requiem* no Rito Bracarense, mas não no Rito Romano, por serem aquellas festas de rito duplex até a reforma de Pio X. 4.º A oração no fim das ladainhas de Nossa Senhora. As edições antigas do Ritual não traziam senão uma só oração para todo o anno; mas a ultima edição manda mudar a oração segundo o tempo. Ora uma coisa semelhante se fazia e faz no Rito Bracarense, no fim da Missa, com a oração correspondente á antiphona. Algumas das orações são eguaes nos dois casos.

---

N'esta importante nota aponta o illustre sacerdote materia bastante para um largo e substancioso capitulo. Infelizmente não se compadece elle com os modestos limites d'este opusculo.

referencia, em largo parenthesis, a uma opinião auctorisada que luminosamente condensa o espirito de defeza do Rito Bracarense.

Essa opinião é a d'um illustre erudito e nosso amigo respeitavel, Monsenhor José Augusto Ferreira, consagrado auctor de importantes obras historicas.

Incansavel investigador, criterio penetrante e justo, estylista sóbrio, forte, inconfundivel, o seu juizo na materia tem o pêso e o alcance d'uma verdadeira sentença.

Devemos ao illustre Diniz Serrano o conhecimento d'essa veneranda opinião. O capitulo XIII do *Rito Bracarense*, a obra brilhantemente combativa devida áquelle notavel sacerdote, cujo verdadeiro nome é, como dissemos, Manuel Telles, contem a substancial e bella exposição de Monseñhor Ferreira, o distincto Prior de Villa do Conde.

Analysá-la-hemos.

E, d'essa modesta analyse, esperamos colher elementos para a conclusão d'este opusculo, ou antes, para justificar as ideias com que o fechamos, sem outra ambição que não seja servir a Religião e a Patria.

---

O verdadeiro conservantismo. — O verdadeiro progresso. — O absurdo do espirito de demolição. — Rapido relance da vida portugueza. — Monsenhor José Augusto Ferreira. — A sua valiosa opinião. — Ensinaamentos que faltaram como estimulos aos renitentes. — Criar-se-hia o Rito Bracarense no governo de Paterno? — Profuturo, Bispo de Braga, auctoridade em lithurgia. — Palavras preciosas de Mons. Ferreira. — Preciosos apontamentos de Diniz Serrano.

A defeza do Rito Bracarense repouisa, como todas as defezas das obras tradicionaes, n'um principio unico — *conservar, reformando*.

Conservar, immobilizando, equivale a incompatibilisar o passado com o presente, impedindo a luz e a solidez do futuro.

Assim, os conservadores obsecados que pretendem restaurar o preterito com tudo que caduca e soffre a acção inevitavel do tempo, parecem-se demais aos que querem conservar o bom vinho sempre na mesma vasilha, por mais que esta seja atacada pelos ratos e pela formiga. O resultado é obvio. Taes ingenuos, predominando a sua vontade, conseguem apenas inutilisar o licor precioso.

E', portanto, axiomático que os conservadores obstinadamente excessivos são os melhores, embora involuntarios, aliados de todos os demolidores.

E—diga-se tudo—muitas audacias de sacrilega demolição não campeariam, calamitosas e funestas, se os ardentes conservadores tivessem a noção precisa e justa do verdadeiro conservantismo.

Mas, se isto é assim, absurdo e revoltante se impõe o doentio impulso dos que, notando defeitos graves n'uma instituição, concluem morbidamente o dever de a aniquilarem.

Esse impulso é, aliás, de origem sinistramente heretica.

Vem do *livre exame* que Martinho Lutero propagandisou com Calvino, Zwinglio, Melanchton e outros desvairados joguetes de inconfessaveis paixões, e vem do rancor sectario dos extinctos Templarios, transformados pela sêde de vingança em Maçons, em exploradores das reclamações dos governados contra as prepotencias dos governos. Quer dizer, no fundo, é o espirito de Satan.

Esse espirito envenenou na Edade-Media a grande obra franciscana das Communas, azedando-a e pervertendo-a em corrente de expropriação e demolição, dando essa corrente negra que acaba de dilacerar a Russia, que vae desmembrar a Allemanha, que tanto ameaça o melhora Europa.

Na verdade, a nobreza decahiu e corrompeu-se muito, principalmente depois das grandes luctas

medievaes. Pelo que diz respeito a Portugal, se ella se rehabilitou bastante em 1640, nem por isso deixou de continuar a despenhar-se n'um atoleiro cujo menor traço era a inercia parasitaria.

Que cumpria, porém, fazer para se não abalar a Synarchiã christã?

Reformar os costumes dos nobres, proscruvendo os aleijões que tornavam odiosa e até nociva a aristocracia.

Quer dizer, cumpria valorisa-la, adaptando-a aos tempos, e não feri-la de morte, sepultando-a como fóssil nefasto.

Porisso, só operou bem o espirito que decepou o feudalismo, emquanto não deu provas de querer apenas abrir, num excessivo predomínio regalista, o canal, mais tarde oceano submergidor, por onde navegavam as rebeldias da plebe.

Mas depois veio a expropriação demolidora, encoberta, por exemplo, n'um sagrado horror á lei dos vinculos, e assim a vida de familia, sob o pretexto de se humanisar, ficou destruida até aos alicerces.

A *casa* — no sentido de lar — perdeu as tradições e a força, a fidalguia ficou exterminada, e todas as sonhadas vantagens fôram devoradas pelas mil peores consequencias da abolição do regimen vincular, pela tendencia progressiva de se dispensar e até achincalhar todo o passado.

Mas este êrro nefando mais se patenteou nas relações com a Igreja.

As ordens religiosas, na verdade, por vezes,

accusaram lamentavel decadencia. S. Bernardo e outros grandes Santos, e illustres Pontifices, por isso frequentemente as reformaram.

Mas que fizeram um dia os sectarios, e não raro secundados por irreflectidos ecclesiasticos?

Extinguiram-nas onde puderam.

Inpunha-se mais uma profunda e equitativa reforma.

A existencia d'ellas era tão legitima e util, que o proprio Victor Hugo, querendo flagellar as de Hespanha, no mesmo livro as legitimava em França n'um capitulo celebre sobre a oração claustral.

Pois não o viram assim os suppostos monopolistas da virtude e do direito.

E porquê?

Só por simples espirito satanico?

Não: por falta de profundo estudo d'aquillo que viam decadente, embora n'essa ignorancia houvesse de satanico a propensão soberba para julgar tudo em pretenciosos relampagos de raciocinio.

E essa tendencia radicou-se, por desfortuna, com excepcional tenacidade em terras de Portugal.

Devido a ella, não temos legisladores de qualquer especie, afóra alguns ecclesiasticos na sua provincia liberrima dos espiritos.

Não temos quasi governantes.

Não temos criticos proficientes.

Não temos quasi verdadeiros patriotas.

A atmospheria do nosso viver é, porisso, cheia

de tempestades estereis e, comtudo, hediondas, de diatribes sangrentas e pessoases, de invejas tenazes e systematicas, de intrigas e miserias que só produzem a injustiça e a lama moral.

Devido a isso, a obra de rechristianisação catholica é vagarosa, estorvada a cada passo por paixões mesquinhas, que não desarmam, que se julgam criterios, que se dóom com o valor de quem as não lisongeia, que preferem criar a anarchia ou a inacção, o desalento ou a angustia, o desespero ou a violencia, a darem logar para que passe quem estuda, quem tem tanta fé como amor ao trabalho para gloria de Deus.

Emfim, a superficialidade tomou os fóros de verdadeira endemia.

E toda a superficialidade, que pretende parecer genialidade, propende para os extremos — ou defender obstinadamente todo o passado, com os seus erros e faltas, ou demoli-lo, sem deixar uma só pedra, embora lhes fique apenas areia para a construcção do futuro.

Vicio é este que não podia deixar de predominar em alguns inimigos do Rito de Braga.

A falta de especial estudo aggravou-o. E, aggravando-o, grassou deveras a loucura de se exterminar o que cumpria reformar.

Loucura, bem funesta loucura, por Deus inutilisada!

Como?

Na obra do senhor Arcebispo Primaz, que deu realidade aos sonhos de illustres antecessores seus,

mas porque elle, em vez de teimosamente impôr todo o passado, colheu de lá o muito que não morre, e expungiu o que caduca e não tem actualidade possível.

Ora, entre os paladinos do Rito que mais o fortaleceram para vencer, temos Monsenhor José Augusto Ferreira a dar, como poucos, o exemplo do valor reformador dentro do estudo profundo e hourado.

Prova-o a brilhante e solida exposição vulgarizada benemeritamente no alludido capitulo XIII da obra de Diniz Serranó.

Monsenhor Ferreira lucidamente advoga a necessidade d'uma reforma.

E refere-se a santos que nunca existiram, a santos que nunca tiveram canonisação e a santos com as biographias adulteradas por lendas pueris e absurdas.

Aqui temos, n'estas referencias vivas, zelando a dignidade da Religião, o mais esclarecido conservantismo, e a sciencia, a consciencia e a fé a ensinarem aos demolidores por ignorancia qual seria o seu crime, se victoria tivessem os seus pregões de apparente orthodoxia rigida.

Monsenhor Ferreira, porisso mesmo que *entende* profundamente todo o espirito do Rito Bracarense, deseja com ardor vê-lo reíntegrado.

Mas, porisso mesmo que o quer ver reíntegrado dentro da perfulgente belleza do seu espirito, aponta os defeitos que motivam uma paciente e honesta reforma.

Assim, o que os superficiaes converteram em razão de hostilidade absoluta e systematica, é apenas estímulo para uma depuração que actualisa e consolida um organismo venerando.

Mas o erudito éscriptor não se limita a indicar defeitos.

Historia benemeritamente o que os motivou.

Fundamenta, emfim, com a sua proverbial proficiencia, a revisão do Breviario, e valorisa desde já a questão com a lista dos Prelados authenticos de Braga, visto que tantos apocryphos tinham brotado de phantasias escaldadas.

E n'este ponto soffreram indirectamente uma verdadeira e forte bordoadá aquelles inimigos do Rito que, ignorando-o na sua essencia melhor, comtudo ostentavam criterio scientifico á laia do de Herculano e Coelho da Rocha.

Ha erros? Ha phantasticas hypotheses? Ha invenções ridiculas, absurdas?

Mais uma razão para se zelar a propaganda do que é essencial e puro.

Mais uma razão para se lhe estudar honestamente o espirito.

E' o que faz Monsenhor Ferreira com uma devoção só equalada pelo talento e pelo saber.

Com elle, por exemplo, aprendemos que na lista dos Prelados authenticos ha duas enormes lacunas de mais de 3 seculos cada uma, entre S. Pedro de Rates e Paterno, e entre Felix Torquato e D. Pedro II, o que se explica por ter decorrido no primeiro intervallo a epoca das dez persegui-

ções dos christãos e por ser regra dos primeiros tempos da Egreja o *arcano* ou *segredo*.

E, se é util saber-se isso para limparmos o Rito Bracarense de deprimentes falsidades, é obvio que em taes alicerces podemos descansar escrupulos de fé historica, mesmo que nos assaltem ambições da austeridade rigida de João Vico, Herder ou Niebhur.

Muito é, e positivo, aliás, o que, segundo a lição de Monsenhor Ferreira, nos fornece para a historia dos Arcebispos Primazes a excellente fonte dos concilios.

O primeiro concilio que teve assistencia do Bispo de Braga — diz Monsenhor Ferreira — foi o primeiro geral de Toledo em 400.

O bispo de Braga que assistiu foi Paterno, que n'elle abjurou do priscillianismo.

Os austeros censores teriam n'este facto, porventura, uma prova de que no tempo de Paterno se criou o Rito Bracarense, que é um vivo combate contra os erros de Priscilliano e Ario.

Não será verosimil que Paterno o inspirasse no ardor vigoroso da sua sincera conversão?

Cremos que sim, mas, seja como fôr, o que os menos escrupulosos criticos podem notar, como poucas vezes, é o character poderoso do Rito de Braga. Ou criado no tempo de Paterno ou depois, brotou certamente d'uma fé austera, a fé que devia predominar depois que o bispo de Braga se convenceu de heretico.

Este simples facto, salvo o erro, levaria, se

muito bem conhecido fôsse por elles, os renitentes oppositores a um estudo do Rito, colhendo n'este com irremediavel assombro a melhor guerra aos erros de Priscilliano e Ario, conhecidos na essencia por qualquer leitor de dictionarios de Theologia.

E outro factó, relatado por Mons. Ferreira, teria impressionado os escrupulosos, se o conhecessem — é o de em 538 ser bispo de Braga Profuturo, *a quem o papa Virgilio escreveu uma celebre Epistola sobre questões lithurgicas.*

Profuturo — como em 563 se assignalou, quando do primeiro concilio de Braga, presidido por Lucrecio — era grandemente zeloso e piedoso, uma *auctoridade*, e tanto que o Pontifice se dignava tratar com elle da lithurgia. Se o era, e se o Rito Bracarense, a não ter sido criado no tempo de Paterno, nasceu, em vez de só se ampliar e aperfeiçoar então, no governo de Profuturo, não perderiam os escrupulosos todos os seus sustos de requintada orthodoxia a respeito do Rito de Braga?

Que grande prejuizo não ter o erudito Mons. Ferreira nascido ha muito mais tempo para os escrupulosos terem taes noções que nós tambem tão tarde recebemos!

Mas, se estes e outros ensinamentos, directa e indirectamente, teriam convertido em ardentes defensores do Rito Bracarense mesmo aquelles que ainda hoje só o acceitam por, aliás, louvavel disciplina ecclesiastica, decerto acalmaram as

delicadas e respeitaveis consciencias, restando-lhes apenas o habito do espirito de contradicção, lendo no benemerito livro de Diniz Serrano as seguintes palavras do illustre Prior de Villa do Conde :

«Terminando, tudo o mais, que poderia dizer-se sobre este largo thema, é materia para averiguações e controversias, e ainda do que fica escripto, é possivel que algo seja contestavel; por isso não continúo tambem a autopsia do Breviario bracarense.

«Insisto, porém, em que o seu futuro revisor, consciencioso e perseverante, e nobremente inspirado na santa causa de Deus, da verdade e da justiça, deve procurar no silencio dos archivos, onde jazem ainda documentos importantissimos, reconstituir a historia ecclesiastica d'esta nobilissima diocese; porquanto, sem recorrer ao estudo das fontes primitivas e á lição dos monumentos, não é possivel, em historia, fazer coisa limpa.

.....  
«Portanto, não devendo acabar o Rito Bracarense, o que seria um crime, impõe-se a revisão do seu Breviario, o que é uma acção benemerita.»

\*

E' evidente que a restauração do Rito indicava implicitamente um profundo trabalho de *limpeza* que o impuzesse aos mais escrupulosos.

Mas não a proclamaram, e até iniciaram, sempre os defensores da lithurgia bracarense?

Não foi ella ha pouco feita, e tão completamente, que o Rito está reintegrado por uma alta capacidade mental e moral, a do Senhor Arcebispo Primaz?

Poderá, pois, haver ainda renitentes de boa fé?

Bem sabemos que, nas linhas acima transcritas, alguns maliciosos podem ver confissão contradictoria.

Mons. Ferreira declara ter feito a *autopsia* do Breviario, o que parece indicar que este é vão como um morto.

Mas tal pilheria só pode ser aproveitada por quem pretende que *autopsia* (*auto + opsis*) tenha de significar sempre exame medico do interior d'um cadaver.

Não é assim.

Tambem significa *observação interior* e até, com mais propriedade, *observação de si mesmo*.

Entretantò, como Mons. Ferreira (nem homem nenhum) é o Rito Bracarense e, como este, em vez de ser um cadaver, é um resuscitado glorioso, temos de admittir que o illustre escriptor quiz dizer *profunda observação do intimo do Rito*.

E, a corroborá-lo, está a sua declaração nobilissima de que a bella e veneranda lithurgia não deve acabar — o que seria um crime.

Ora não se diz *que não deve acabar* de quem já acabou.

Tão pouco se quer dar a vida a quem d'ella não é digno.

\*

Podíamos dar ainda, em resenha, os preciosos *apontamentos* fornecidos pelo talentoso Diniz Serrano para auxilio da revisão do Rito.

Tambem d'elles colheríamos a prova de que o Rito Bracarense, apesar de tão deformado por erros e defeitos, se impunha como crédor de estudo e respeito.

Mas mingúa-nos o espaço, e o que se prova excessivamente arrisca-se a não ficar provado.

Concluiremos, pois, referindo-nos ainda á reconsideração de alguns illustres Arcebispos de Braga, citando os nomes d'outros, grandemente defensores, e appellando para um grande dever catholico.

Mais longe não póde ir este opusculo de simples vulgarisação.

---

## VI

Os exemplos de D. Rodrigo da Cunha, D. Rodrigo de Moura Telles, D. Gaspar de Bragança, etc. — D. Agostinho de Jesus, D. José de Bragança e o grande D. Caetano Brandão—A justiça de converter-se o Rito Bracarense em Rito Nacional — O resurgimento da nacionalidade — Difficuldades que se não devem temer — Fructos certos d'uma grande obra — Conclusão

Como succedêra a principio a D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, tambem D. Rodrigo da Cunha, promovido de Bispo do Porto a Arcebispo de Braga, não viu com bons olhos o Rito Bracarense, apesar da notoria sympathia de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres por essa bella lithurgia e apesar de D. Rodrigo encontrar reformados o missal e o breviario bracarense pelo seu antecessor D. Agostinho de Jesus, que ardentemente queria manter a formosissima instituição.

E póde applicar-se aqui a phrase de Camões *em som de guerra*, porque assim recebeu o novo Arcebispo os primeiros que lhe fallaram no Rito de Braga.

Mas, se era tão affeiçãoado ao Rito Romano

como caracter de vontade combativa e firme, venerava devéras a importancia mental e moral do Cabido.

Ora o Cabido era unanime na defeza da tradicional lithurgia, e D. Rodrigo da Cunha, resolvendo-se logo a um estudo attento do que hostilisava, convenceu-se de que errava e collaborou com valor e devoção na reforma do Rito.

Não é despiciendo este nobre exemplo.

Mas ha mais.

Não era muito affeioado ao Rito de Braga o Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, e, se é certo que só o defendeu depois de consultar a Santa Sé — mais um socêgo para os que tremem pela unidade catholica — só um profundo e grato estudo lhe podia fazer ver tão justamente os pontos que requeriam reforma.

D. Rodrigo de Moura Telles emendou, pois, e sem se envergonhar d'uma *incoherencia deprimente*, como chamam os caturras a muitas honrosas reconsiderações.

Emfim, o Arcebispo D. Gaspar de Bragança via tão mal o Rito de Braga, que planisou extingui-lo pouco a pouco, misturando-o ao Romano. Reconsiderou depois, mas por causa da attitude energica do Cabido e do Arcebispo de Thessalonica?

Queremos crê-lo, mas n'um Arcebispo é inverosimil que imperasse apenas a imposição. Quem merece tal dignidade, tem decerto a elevação moral bastante para preferir a resignação d'ella a acceitar o que á consciencia lhe repugna.

Portanto, D. Gaspar de Bragança também reconsiderou, porque estudou.

E fallêmos aos escrupulosos ou renitentes, embora por motivos respeitáveis, nos que, illustres pelos talentos e pelas virtudes, foram apaixonados defensores do Rito de Braga.

Por maior valor moral e mental que tenham tão pertinazes oppositores, devem ficar satisfeitos com a consciencia, sabendo quem defendeu o que quasi todos elles só não defendem por mal entendido amor-proprio.

Além do Arcebispo D. Agostinho de Jesus, ha provas claras do amor que ao Rito Bracarense tiveram os Arcebispos D. Sebastião de Mattos e Noronha, o Cardeal D. Verissimo de Lencastre e D. José de Menezes.

O Arcebispo D. José de Bragança defendeu-o com firmeza, não accetando a inserção de festas novas.

Emfim, D. Fr. Caetano Brandão, um dos maiores Prelados da Igreja Portugueza, dedicou-lhe toda a grandeza do seu talento, do seu saber e do seu zelo.

Foi elle quem, pelo seu proprio punho, fez o enorme, o exgotante trabalho da reforma do Breviario e, se não morresse tão cedo, dever-se-lhe-hia a reimpressão de obra tão monumental.

Devia bastar o grande, o immortal nome de D. Fr. Caetano Brandão, gloria pura da Igreja e da Patria, para estimular ao estudo profundo os renitentes de hontem e os escrupulosos de hoje.

Poucos principes da Igreja têm alliado, como elle, a virtude peregrina e altiva ao mais bello talento literario e á mais extensa e intensa erudição.

Alma lavada, limpa de vaidades, mas resplandecente de dignidade, inaccessible a outras influencias que não fôsem as do immaculado espirito de justiça e amor, a sua magnanimidade competia com a mais valorosa actividade.

O fundador do Seminario dos Meninos Orphãos e Expostos é deveras uma figura luminosamente colossal pela intelligencia, opulenta de fé, pelo coração, trasbordante de caridade, pelo character fulgurante de firmeza, methodo e acção.

\*

Mas, se o Rito Bracarense vai ser reintegrado, podem perguntar-nos porque tanto nos preocupamos com os seus poucos provaveis oppositores.

E' simplesmente porque a obra do Rito, consagrada por quem de direito, reclama a união completa das vivas adhesões dos fieis de Braga.

E, se assim é para que, dentro em pouco, elle oriente d'um modo exclusivo o culto externo em toda a Archidiocese, muito mais o é, se cumpre tornar-lhe o dominio extensivo a toda a Igreja de Portugal.

Esta aspiração é tão justa como até, de certo modo, patriotica sem ser perigosamente naciona-

lista. Entretanto, temos o consôlo de que ella não pôde nem deve levantar protestos de valor positivo.

Não ha em Portugal mais nenhum rito peculiar.

Onde se não segue o Rito Bracarense, segue-se o Rito Romano.

Mas, urgindo, portanto, a multiforme propaganda do que podemos chamar um Rito incomparavel, contraproducente e triste seria que elle não tivesse o caloroso e operoso applauso de todos os fieis da Archidiocese de que elle é o maior thesouro e gloria.

Começou ha tempos a alma portugueza a procurar, com uma especie de saudade, as suas mais bellas e gloriosas tradições.

As cruezas do presente obrigaram-na a como que penetrar nas brumas do passado.

E, fazendo-o, se mais entrevê do que comprehendendo, já lhe diz uma voz intima que a sua gloria e paz no futuro só podem derivar-lhe do resurgimento do que foi demolido e sepultado pelas paixões sectarias.

Ora este movimento d'alma é mais faminto do que a fome e mais sequioso do que a sêde.

Tem qualquer coisa do estertor d'um moribundo que não quer morrer, d'um morto que não quer ser sepultado.

Seria crueldade suprema contrariar-lhe essa vontade, ainda que só visasse uma fátua e pobre chimera.

Mas quem póde affirmar a utopia, se Deus tem feito e faz tantos e tão grandes milagres?

Os povos tambem podem correr perigo de morte como os individuos, e salvá-los a misericordia divina, quando parecem já empolgados pela comatose.

Quem recusa o balão de oxygenio ao condemnado pela medicina, ao exgotado que, embora rigido como um cadáver, ainda tem nos olhos uma scintilla de vida e, portanto, de esperança?

O povo portuguez poderá estar moribundo.

Mas poucos moribundos pedem, como elle está pedindo, o remedio supremo.

Qual é?

O completo regresso ás sagradas e boas tradições, ou seja o melhor regresso a Deus e ao verdadeiro progresso.

E', portanto, grande amigo do enfermo Portugal quem rehabilita as demolidas, mas sempre fecundas, instituições nacionaes.

Isto d'um modo generico.

Mas que dizer-se das de character inequivocamente catholico?

Não são ellas basilares da moral e da belleza, fecundas por excellencia?

Não as aureóla a mais veneranda antiguidade, e não manifestam o poder incomparavel da Religião de Jesus-Christo, o alicerce incondicional da Civilisação perfeita, da que não faz saltos revolucionarios, e antes melhora e reforma com amor e com justiça pura?

Poderemos nós, n'um ambiente ainda tão pobre de oxigenio espiritual, desperdiçar mesmo a menor d'ellas ?

Não, que, se é crime a avareza de luzes para o proximo, não menor o é o menosprezo de qualquer coisa que illumine e edifique.

Mas o Rito Bracarense não é somenos.

Gloria notavel de toda a Egreja, accusa tambem as melhores características da nossa raça.

N'elle palpitam e resplandecem a fé ardente e combativa, e a arte sublime e empolgante.

O nobre e doce espirito do Occidente, com valentias epicas e tambem com ineffaveis melodias, acompanha tão valiosamente o espirito de Roma, que o Rito de Braga teve sempre o applauso de grandes Pontifices e de theologos eminentes.

Nada mais portuguez, mas tambem nada mais catholico.

E não se arrecciem de teimosos bairrismos.

Braga foi, é e será sempre, a Roma Portuguesa, apesar dos golpes de deschristianisação que lhe vibrou a Concordata.

O paiz não se dóe por ter em Coimbra a sua capital academica.

Não se doerá, tendo de reconhecer mais uma vez que Braga é a sua capital religiosa.

A questão está em que Braga o saiba e queira ser.

Christianisando-se constante e profundamente no mais puro catholicismo.

Dando exemplo nitido e puro de todas as virtudes militantes e piedosas.

Emfim, zelando a reabilitação de instituições, que, como o seu Rito, houbrem com as maiores, no genero, de todo o orbe christão.

Se tudo isto fizer, o Rito Bracarense ficará sendo depressa o Rito Portuguez.

E, quando o fôr, nada nos admirará o melhoramento da solidariedade catholica dos portuguezes.

Quando o fôr, haverá o justo orgulho de termos um character nosso que, em plena e inequivoca obediencia á Santa Sé, affirmará, comtudo, um valor puro dentro da universal Igreja.

E isto será immenso.

Accentuará mais as feições da nacionalidade.

Impor-nos-ha á Civilisação como um factor valioso.

Corroborará até os nossos melhores direitos á autonomia politica e á gloria missionaria da raça.

Rehabilitar-nos-ha, emfim, completa e radiosamente.

## Post-scriptum

---

Estava quási concluída a revisão das provas d'este opusculo, quando recebemos uma carta tocantíssima.

Assigna-a um velho cura, cheio de dias e de soffrimentos.

Nós tinhamos-lhe escripto a pedir a sua opinião sobre o Rito Bracarense.

Respondeu-nos com uma verdadeira apothese á linda lithurgia, e promettendo notas vivas, ineditas.

Fôram correndo, porém, semanas e mezes, e o venerando ecclesiastico não mais deu signal de si.

Veio, n'isto, a primeira investida do typho exantematico.

O velho e santo cura, indigente de tudo, menos de fé e caridade, escreveu-nos então, mas pedindo que fallassemos alto aos poderes publicos no dever de immediatos soccorros. Do Rito Bra-

careense nada dizia, como era natural em angustias tão absorventes.

Fizemos-lhe a vontade, fallando alto onde e como pudémos.

O santo amigo leu, e julgou que os poderes publicos tinham lido.

Não lhe desfizemos a illusão candida e generosa.

Ha mezes, sabendo-o enfermo, escrevemos-lhe.

Não tivemos resposta.

Procurando noticias indirectas, colhemos d'um jovem sacerdote o seguinte :

— O velho cura esteve entre a vida e a morte com uma pneumonia dupla. A freguezia é pobrissima. Perto d'elle, agonisaram e morreram na miseria dezenas de desgraçados.

Valeu Deus, porém, ao ancião nobilissimo.

Foi na pessoa adoravel de uma senhora de Traz-os-Montes, a qual nas Therezinhas, em Braga, deixou lembrança de caridade angelica. Esse monumento de caridade e honrada economia, que é o Asylo de S. José, tão pobre e tão benemerito, deve lembrar-se com gratidão e saudade d'essa senhora. Iamos apostar que o bondoso capellão P.<sup>o</sup> Manuel d'Azevedo lhe dedica diariamente as preces mais enternecidas !

O velho cura assim arribou e convalesceu, mas para continuar affrontando as privações, e mais as dos parochianos do que as suas.

Já vendêra tudo que tinha.

Ha tres annos, foi a ultima geira de terra que herdára.

Depois, fôram os seus queridos livros.

Conta o jovem sacerdote ser esta venda a unica que lhe arrancou dos olhos torrentes de lagrimas. O alfarrabista, sorrindo com desdem amarello, deu-lhe pela livraria, rica e preciosa, pouco mais de duzentos mil reis e, n'esse punhado de dinheiro... tres notas falsas que o ancião queimou depois silenciosamente.

Sabendo de tudo isto, escrevemos ao santo o que pôde escrever quem vive do coração.

Não nos respondeu senão agora.

\*

Nunca lemos, nem em Cicero nem no Padre Antonio Vieira, carta mais modelar e nobre, simples até á sublimidade.

Agradece os confortos, e refere as angustias ás suas culpas.

Quanto aos livros, diz d'elles apenas : — *Tive de me apartar dos velhos amigos. A minha velhice não me permittia conversá-los quanto era mister.*

Toca dê leve na doença. Na sua opinião, foi aviso de que nem do bem devemos ter orgulho. E passa adiante, pintando logo a sua parochia.

A miseria é intensa e geral. O pão é caro e raro. Abundam, n'aquellas serras lavadas, os tuberculosos. Mas, ainda peor do que isso, os cos-

tumes pervertem-se em propagandas anarchistas, e n'um circuito de muitos kilometros não ha outro padre além d'elle.

E declara-se pasmado de tudo que vê. Onde estão as ligas dos catholicos conscientes? Onde está organizado o serviço da caridade dos abastados e opulentos? Ignora-o. N'aquellas serranias, os caritativos só se encontram entre os pobres. Os ricos estrangulam tanto as despezas . . . que continúam enriquecendo, apêsar de quási todos os outros terem fome.

E narra coisas tristes. Aldeãos de antigas e vivas crenças inclinam-se para o horror do *soviet*. Famintos que, cheios de intelligencia e fé, ainda ha pouco esmaltavam a obra santa das catecheses, vê-os a offerecerem-se á propaganda do saque. Quer contê-los, e elles mostram as faces lividas, os filhos nus, o egoismo dos que só com o superfluo valeriam a centenas de infelizes.

O açambarcamento, entretanto, é insolente e cynico.

E todos açambarcam logo que possam.

Na opinião do velho cura, são, pois, os proprios ricos quem parece caprichar no estimulo das sangrentas represalias dos indigentes.

Tambem é essa ha muito a nossa opinião.

— Mas — pergunta o nobre sacerdote — como dar já remedio a isto? Eu, por mim, pretendo dá-lo com um exemplo, que Deus sabe não ter orgulhos de virtude. Vendi tudo que tinha. Agora passo a privar-me de tudo que, faltando, me não

mate de subito. Dispensei os lençoes e as roupas interiores. Vou dispensar mesmo as duas salazinhas que tinha ao pé da alcôva. São dos desgraçados. Puz de parte o rapé com que enganava a vontade a comer e substitui-o, com acerto, pela Oração de Santo Agostinho contra as attribuições. Quando o vicio da pitada me aperta, começo a recitar aquella oração, e fico esquecido do appetite.

\*

Só no fim da carta, em algumas linhas convulsas, se lembra do que promettera quanto ao Rito bracarense.

E diz-nos isto, que textualmente copiamos :  
— Ainda estou na miuha quanto ás bellezas do Rito de Braga. E porque o não estaria eu, se me não posso convencer de que não teme confrontos com os melhores ? Mas, meu amigo, fôrã-me todos os meus lazeres e tambem os meus livros, se eram meus, havendo tantos indigentes.

Além d'isso, os achaques, os annos e as agruras vão levando a memoria e o entendimento. Os senhores sabios chamam amnesia a esquecimentos que muito me contristam. Pois sejam elles, os esquecimentos, as tais amnesias. O que sei é que poucos tormentos se lhes igualam.

Com tudo isto, venho dizer-lhe que falto á minha promessa, e perdôe dar-lhe engano o vo-

lume maçador d'esta carta de amigo que desabafa sabo Deus em que termos. . .

Segundo entendo, porém, a obra do Rito já está no coração de todos.

A'quellas palavras — e ao afflicto pedido de não citarmos o seu nome — limita o santo ecclesiastico o que lhe inspira o Rito agora.

A perda é grande e verdadeira.

O velho cura, modesto até á maior injustiça comsigo mesmo, foi sempre, mais do que lido, um pensador notavel.

D'aquella alma luminosa e pura muito havia a colher de substancioso e util sobre o assumpto.

Mas não praz assim a Deus.

Entretanto, não desesperamos de, um dia, carrear os materiaes, e tantos, que faltam, aproveitando os muitos que já abundam.

\*

Tambem, enquanto reviamos estas provas, recebemos do nosso velho amigo e illustre litterato da Galliza, snr. D. Diogo Canitrot, contista de elevado espirito christão, a promessa da copia de documentos depositados em Compostella, Orense e Pontevedra, e que fortificarão grandemente o nosso assumpto lithurgico.

Quando em Abril nos avistámos com o distincto escriptor em Tuy, veio a ponto o Rito Bracarense, como viera a ponto o precioso livro *Ele-*

*mentos de Archeologia* do notavel estheta e escriptor P.<sup>o</sup> Manuel d'Aguiar Barreiros.

Canitrot é um lusóphilo ardente. Se os ascendentes de Camões deixaram pelas terras de Portugal o seu castello de Camanho, ao pé de Finisterra, Canitrot deixaria tambem por ellas a sua thebaida nas cercanias de Guillarey, se não fôra a mãe veneranda que só na sua Galliza póde viver.

Fallou-nos, pois, do Rito de Braga com tanto amor e carinho, como se o não chamasse de perto o de Toledo, e já então nos disse que os archivos gallegos são ricos de documentação variadissima sobre a Archidiocese Primaz.

Canitrot confirma agora o que nos disse, e ainda o valorisa com promessas bellas.

Infelizmente, porém, annuncia-nos só poder iniciar o seu benemerito labor. passado Junho, depois de concluido um livro regionalista que traz em mãos desde meados do anno passado.

Cumpre-nos, pois, esperar tão excellentes subsidios, embora agradecendo-os desde já muito a um amigo tão generoso, que lhe devemos referencias hyperbolicas em revistas hispano-americanas e até traducções excellentes de modestos versos nossos.

\*

Emfim, ainda sobre o Rito Bracarense nos consta que estudiosos de valor coordenam ele-

mentos de caracter. tão positivo como interessante.

Nada mais festivo para nós.

As obras grandes carecem de todos os grandes materiaes.

Não fica dentro d'ellas tanto o architecto como o alto espirito que representam e, por isso, se as honestas competencias pódem servir de fecundos estimulos, é mais do que provavel dedicarem-se aquellas tanto á obra commum, que folguem como nós com a abundancia de obreiros.

Deveras nos contrista não deixar sobre o Rito Bracarense muito mais e melhor, mas bom é já, que o nosso humilde interesse tenha despertado valores puros.

A hora, afinal, é de trabalho constante e multimodo, por isso mesmo que é de dor depurativa e áspera.

Se não fallham tambem n'isto os nossos presentimentos, o catholicismo em Portugal vai entrar na sua phase mais militante e, porisso, profundamente reconstruidora.

Sendo assim, o bello Rito de Braga ha de interessar, como nunca, a nossa vida religiosa.

Não se abala a alma d'um povo no caminho progressivo da sua fé sem que se volvam olhos commovidos ao passado, sempre fecundo, e principalmente n'aquillo em que, com sabedoria, zelo e prestigio. foi actualisado e consagrado.

Por isso, o Rito Bracarense tem diante de si um largo e risonho futuro, o que, porém, não

quer dizer que lh'o não enriqueçam todos que podem, sabem e querem entende-lo e amá-lo.

Pelo contrario : é indispensavel levar cada um á gloriosa restauração do Rito de Braga todo o subsidio que, genuino e util, se lhe depare em documentos e em pontos de vista, em alvitres e assertos, propagando-o e fortificando-o.

Nada mais significa, ou quer significar, este opusculosinho.

Prouvera a Deus que, dentro em pouco, houvesse materia para outro em que se archivassem, com justo e honrado louvor, os serviços de novos e ardentes campeões da formosissima lithurgia minhota !

---

- 37 — Auctoridade do texto do Novo Testamento, por Micallef Pace.
- 38 — Colectivismo e comunismo, por A. Toussaint.
- 39 — A Maçonaria, por Zuzarte de Mendonça.
- 40 — Princípios de economia social, por H. du Méric.
- 41 — Apologética popular, por André Godard.
- 42 — A Doutrina positivista, pelo P.<sup>o</sup> Senna Freitas.
- 43 — A Evolução e a religião, por Carlo Savio.
- 44 — O Pessimismo contemporaneo, por C. Mano.
- 45 — Architectura cristã, por Gomes dos Santos.
- 46 — O Socialismo e a propriedade, por Gabriel Ardant.
- 47 — Filosofia da Oração, por I. L. Gondal.
- 48 — As Escolas de moral, por J. Brugerette.
- 49 — A Educação Cristã da Democracia, por Ch. Calippe.
- 50 — O Regimen corporativo, por G. de Pascal.
- 51 — Problemas de legislação social, por G. dos Santos.
- 52 — História critica dos Evangelhos, por J. Corluy.
- 53 — A Doutrina Nacionalista, por Jacinto Cândido.
- 54 — Questões da hora presente, por Gomes dos Santos.
- 55 — O Livre pensamento, por A. Canet.
- 56 — Evolução, progresso e liberdade, por Pierre Valles.
- 57 — A Vida futura, por A. Laxenaire.
- 58 — O Milagre, por E. Coste.
- 59 — Unidade da espécie humana, por M. de Nadaillac.
- 60 — Necessidade científica da existência de Deus, por Pierre Courbet.
- 61 — Um santo no seculo XIX, por \* \* \*.
- 62 — A Ruina doutrinal do protestantismo, por Tønning e Baltus.
- 63 — Provas scientificas da existencia de Deus, por Poulin e Loutil.
- 64 — A Magistratura judicial da Igreja, por Micallef Pace.
- 65 — A Teoria filosofica do imposto, por Domet de Vorges.
- 66 — A Apologia da Igreja Católica, por E. Mahon de Monaghan.
- 67 — Os motivos de esperança, por Fernando Brunetière.
- 68 — O Materialismo e a arte musical, por Th. Ortolan.
- 69 — Caminhando, por Gomes dos Santos.
- 70 — As teorias modernas da criminalidade, pelo dr. Delassus.
- 71 — Causas efficientes e causas finaes, por G. Tuccimei.
- 72 — Os heroes da fé, por Micallef Pace.
- 73 — Archeologia christã, por mgr. Ferreira.
- 74 — Católicos e socialistas, por Etienne Lamy.
- 75 — Os Evangelhos e a Pessoa de Jesus Cristo, pelo dr. Sousa Gomes.
- 76 — Origens do cristianismo na península hispânica, por Monsenhor Ferreira.
- 77 — Intellectualismo e catolicismo, por Albert Sœur.

- 78 — **A Igreja e o Estado**, por Artur Bivar.
- 79 — **A Agonia do paganismo**, por Micallef Pace.
- 80 — **A Igreja e o Estado nos quatro primeiros séculos**, por mgr. Ferreira. — Este volume é a continuação do assumpto versado no n.º 73 da nossa Colecção.
- 81 — **O Marquês de Pombal**, por Zuzarte de Mendonça.
- 82 — **O Processo de Jesus Cristo**, pelos P.<sup>es</sup> Chauvin e Lémann.
- 83 — **Necessidade da Religião**, pelo abbade Guyot.
- 84 — **O que o Cristianismo fez pela mulher**, por Gabriel de Azambuja.
- 85 — **O Poente da Vida**, por Vasconcelos Veiga.
- 86 — **Origens da incredulidade**, Guyot.
- 87 — **Sociabilidade natural do homem**, pelo P.<sup>o</sup> Francisco J. Netto.
- 88 — **A Abstenção religiosa**, por Planeix.
- 89 — **A Maçonaria na Europa**, por Henri Hello.
- 90 — **A tolerância religiosa**, por Vacandard. Neste pequenino volume define-se e exemplifica-se, duma maneira clara e imparcial, a tolerância religiosa, expressão de que tanto se tem abusado, sobretudo nos últimos tempos, e estabelece-se a verdadeira doutrina, de harmonia com o espirito da Igreja e da Tradição.
- 91 — **A liberdade de ensino**, de A. Laurent. Neste resumo histórico apresenta o autor um lúcido relatório das lutas travadas em França para a consecução da liberdade de ensino, consignada na célebre lei Falloux, e o espirito sectário que presidiu à sua abrogação, em 1903, pelo gabinete Combes. Os argumentos que de parte a parte se empregaram são de tão palpante actualidade, que retratam ao vivo a sociedade do nosso tempo.
- 92 — **As religiões não cristãs**, de Hettinger, é um substancial resumo do vasto quadro das religiões que não professam os principios do Cristianismo, e onde o seu autor estabelece um frizante, ainda que rápido, paralelo com as doutrinas da verdade revelada.
- 93 — **Casamento civil e divórcio** (dois elementos de ruina social, versão de Zuzarte de Mendonça).
- 94 — **A existencia histórica de Jesus e o racionalismo contemporâneo**, por L. Fillion; é um resumido volume em que se ventila com toda a proficiência e vigor sciéntifico êste magno problema em torno do qual tão aceras disputas se tem levantado, sobretudo nos tempos actuais de impiedade e revolta. O seu autor faz nele avultar duma maneira brilhante a existência real da figura doce e amorosa de Jesus de Nazaré.
- 95 — **O Centro de Unidade na Igreja Cristã**, por A. Gama, (Adaptação de Micallef Pace).
- 96 — **A consciência perante uma lei injusta**, por Augusto Belanger. (Tradução de Zuzarte de Mendonça).
- 97 — **Arqueologia litúrgica**, pelo cónego J. Augusto Ferreira.
- 98 — **Razões por que somos Católicos**, pelo P.<sup>e</sup> Lodié — Versão de Zuzarte de Mendonça.
- 99 — **A Religião e a Guerra**, pelo Dr. A. Bivar.
- 100 — **O Rito Bracarense**, por José Agostinho.